

Dívida cresce só 4%, mas vai a US\$ 104 bi

A dívida externa brasileira subirá de US\$ 100,2 bilhões este ano para US\$ 104,4 bilhões ao final de 1985, com crescimento de apenas 4,1% por causa da dispensa de novos empréstimos dos banqueiros e dos pagamentos de atrasados existentes há nove meses, de acordo com as previsões apresentadas ontem oficialmente pelo Banco Central, na 5ª versão do Programa Econômico de Ajustamento Interno e Externo. O Governo está contando com aumento da taxa média de juros internacionais e com menores exportações.

O saldo entre exportações e importações, reestimado em US\$ 12,6 bilhões este ano, deverá cair para US\$ 12,2 bilhões em 1985, como resultado da "desaceleração no ritmo de crescimento das vendas externas determinada pela menor expansão do comércio mundial, eliminação do crédito-prêmio e aumento da demanda interna no País". Para garantir a manutenção do crescimento econômico interno, entretanto, o documento joga com o crescimento de apenas US\$ 1,7 bilhão nas importações totais, que passarão de US\$ 14 bilhões este ano para US\$ 15,7 bilhões em 1985 enquanto as vendas de bens e serviços ao exterior subirão US\$ 1,3 bilhão, atingindo US\$ 27,9 bilhões no próximo ano.

Os pagamentos líquidos dos juros da dívida externa, que não devem ser renegociados desta vez, subirão de US\$ 10,6 bilhões para US\$ 12 bilhões no próximo exercício, elevando de US\$ 13,3 bilhões para US\$ 15,2 bilhões o total dos pagamentos do serviço. Com

isso, o Governo acredita que o saldo negativo de apenas US\$ 550 milhões na conta de transações correntes deva aumentar para US\$ 3 bilhões até o final do próximo exercício, refletindo a maior dependência de recursos de origem externa para fechar o balanço de pagamentos cujo superávit de US\$ 6,49 bilhões em 1984 cairá para apenas US\$ 100 milhões em dezembro de 1985.

Mesmo assim o Banco Central, responsável pela redação final do documento, acredita que a reserva de caixa aumentará mais US\$ 1,16 bilhão este ano, passando dos US\$ 5,9 bilhões estimados anteriormente no Programa de Ajustamento para US\$ 7,06 bilhões ao final de 1984. Além disso, espera-se que os investimentos estrangeiros no País passem de US\$ 1 bilhão este ano para apenas US\$ 800 milhões no próximo, enquanto os empréstimos de curto prazo dos bancos credores - através de operações interbancárias - cairão de US\$ 10,5 bilhões este ano para apenas US\$ 6 bilhões.

A principal alteração nas projeções relativas ao

setor externo no próximo ano diz respeito às importações: o Governo acertou com os bancos estrangeiros e com o FMI um aumento de apenas US\$ 1,7 bilhão nas importações totais, mas contando com a queda de US\$ 6,6 bilhões para US\$ 6,5 bilhões nas compras líquidas de petróleo no exterior, haverá uma folga maior para o aumento das importações do setor privado, de modo a garantir o crescimento real do Produto Interno Bruto. Com isso, as importações de outros produtos, exceto petróleo, subirão de US\$ 7,4 bilhões este ano para US\$ 9,2 bilhões no próximo, permitindo um crescimento de 28,6% nas compras externas do setor privado - contra 15,8% no setor público e apenas 12,1% no total das importações.

O volume das importações de petróleo continuará caindo, passando de 624 mil barris/dia este ano para apenas 600 mil em 1985, já que a produção nacional aumentará de 480 mil barris/dia para 530 mil e haverá maior participação das fontes locais de energia (principalmente álcool hidratado).

Negociação pode demorar mais

A dívida externa bruta do País atingiu US\$ 98,3 bilhões ao final de setembro último, mas ficará abaixo dos US\$ 100 bilhões no fechamento do ano, garantiu ontem o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore. O ministro Ernane Galvêas, disse que a montagem da sétima carta de intenções termina esta semana, mas Pastore explicou que os acertos com os bancos privados para a rolagem da dívida externa

a vencer a partir de 1985, ainda devem exigir mais 15 a 35 dias.

O acúmulo de reservas prontas de US\$ 7,06 bilhões e no conceito tradicional de balanço de pagamentos de US\$ 11,03 bilhões e mais a projeção de déficit em conta corrente de US\$ 3 bilhões deixam, segundo Galvêas, "mais do que demonstrado que o Brasil não precisará de dinheiro novo dos bancos comerciais em 1985".